

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
INSTITUTO DE ARTES  
Departamento de Artes Visuais

**CAPOEIRA, RITO E BRINCADEIRA**  
**Experiência Coletiva em Educação**

VALENTINA MALAVOGLIA

Orientador:  
prof. Flávio Gonçalves

Banca de avaliação:  
profa. Claudia Zanatta  
profa. Elaine Tedesco

Porto Alegre, 2020

## SUMÁRIO

1 AGRADECIMENTOS.....	p. 3
2 RESUMO.....	p. 4
3 INTRODUÇÃO.....	p. 5
4 CULTURA POPULAR BRASILEIRA.....	p. 8
5 O SAGRADO E O PROFANO.....	p. 10
6 PARALELOS.....	p.15
7 TESTEMUNHO.....	p. 18
7.1 O Lúdico.....	p. 18
7.1.1 Festas Populares.....	p. 21
7.2 Argentina.....	p. 22
7.3 Teatro.....	p. 23
7.4 Porto Alegre.....	p. 27
7.5 Resgate.....	p. 29
7.6 São Paulo.....	p. 32
7.7 Bahia.....	p. 33
8 CONCLUSÃO.....	p. 36
9 BIBLIOGRAFIA.....	p. 38
10 ANEXO 1 - Desenhos.....	p. 39
11 ANEXO 2 - Fotografias.....	p. 43
12 ANEXO 3 - Vídeos.....	p. 51

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que me conduziram no caminho da Capoeira Angola, que abriram a porta para mim e orientaram meus passos.

Agradeço aos mestres e mestras: Ronivon Nascimento (Bico Duro), Diego Bonga, Plínio Ferreira, João Baptista, Tisza Coelho, Cabello Cabijuba e Ana Vitória Vieira Monteiro.

Agradeço aos meus pais, Libero Malavoglia Junior e Clélia Regina Martins de Almeida, por sempre me apoiarem e darem todo o suporte para eu seguir meu caminho.

Agradeço ao meu orientador Flávio Gonçalves, pela paciência em me auxiliar no processo de escrita deste trabalho até a sua conclusão.

Agradeço aos mestres e mestras antigos, por dedicarem suas vidas à preservação dessa maravilhosa arte que é a Capoeira Angola.

## RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência sobre a prática da Capoeira Angola, refletindo sobre o quanto ela pode ser eficiente como instrumento de educação e criação de laços comunitários. Através das ferramentas do rito e da brincadeira, a capoeira tem a potência de trabalhar a criatividade, unindo pessoas em um coletivo com propósitos em comum. Tanto em situações festivas quanto em situações de trabalho, o universo da capoeira, uma expressão da cultura popular afro-brasileira, conduz o ser humano a retornar a um estado de espírito integrado à natureza ao seu redor, assim como em harmonia com a própria natureza interna.

Palavras-chave: Capoeira, ritual, brincadeira, educação, comunidade, coletivo, experiência, transformação, tradição, cultura, arte, popular.

## INTRODUÇÃO

Entrei na faculdade de Artes Visuais em 2013. Iniciei o processo de construção desse trabalho em 2018. Nesse período eu integrava o Grupo Experimental de Dança da cidade de Porto Alegre, fazia aulas de flamenco, yoga e capoeira. Nos anos anteriores, paralelamente à universidade, fiz formação de teatro e tive diversas vivências em dança contemporânea.

Relato estas experiências para contextualizar que meu interesse em relação a criação artística, há algum tempo, vinha organizando-se ao redor das práticas corporais. Me interessa a exploração do movimento corporal, os impulsos que brotam a partir do corpo. Quando iniciei o trabalho de conclusão de curso, tive vontade de plantar uma ponte entre o meu interesse latente e presente, e as artes gráficas; as artes visuais.

O caminho que enxerguei neste momento foi estabelecer uma conexão entre dança e desenho, pensando que todo registro visual parte de um gesto corporal. Como esse gesto corporal pode ser ainda mais evidenciado e enfatizado na produção de um desenho? Um desenho em que o gesto, a ação, a performance de realizá-lo, de traçar, seja mais importante que o resultado em si. Em que o estado corporal e o estado de espírito em que o desenho é gestado, é mais importante que o próprio desenho. Esse foi o pensamento que impulsionou minha pesquisa.

Comecei a fazer desenhos em larga escala, em que meu corpo pudesse ser completamente absorvido pelo desenho, que eu estivesse inserida no desenho. Em minhas experimentações, os materiais utilizados se misturavam com o meu corpo. Várias vezes utilizei o corpo como pincel e lápis. Buscava me imbuir o máximo da realidade “desenho”, entrando na dimensão do papel, esquecendo a realidade exterior durante aquele período de tempo. Para mim tal procedimento é muito similar a entrega e ao transporte que experimentamos em rituais espiritualistas. O papel representava uma outra dimensão, a dimensão da arte e da criação. Percebo a criação artística como um processo em que ingressamos de corpo e alma em uma realidade paralela, ali vivemos de forma intensa e entregue, depois retornarmos ao mundo com novas percepções sobre o real.

O trabalho consistiu na busca de estados corporais potentes. Procurando acionar tais estados pelo movimento corporal. Percebi que certas qualidades de movimento geram registros visuais autênticos. Os movimentos que eu executava, naturalmente produziam um

registro sobre o papel, pois eu circulava sobre o desenho, às vezes utilizando ferramentas como extensores do meu corpo, às vezes com minhas próprias mãos, braços, pernas, pés. Sempre guiada pelas sensações dos impulsos que nascem a partir do corpo.

Percebi que tais impulsos projetam-se para muito além do corpo, mesmo sem o auxílio de lápis e papel. Penso que o movimento do corpo expande-se em uma dimensão espacial de forma infinita. Como se toda dança ao ser performada, desenhasse o espaço, moldando-o. Construindo uma energia, transformando o físico, criando atmosferas. Quanto mais potente é o gesto, maior é o efeito sutil sobre o espaço. Mover o corpo parece criar uma construção invisível espacial, que procurei tornar visível.

Essa parte do trabalho se tratou de uma tentativa de dar visibilidade à ação gestual, às vezes tão efêmera, e nem por isso menos impactante. Acontece, passa, mesmo que ninguém que não estava presente saiba, sua influência poderá ser sentida. O registro que desenvolvi foi uma tentativa de solidificar esses momentos efêmeros de criação, torná-los de alguma forma palpáveis. Como tornar a dança palpável?

Muitas vezes tive lindas experiências criativas com dança, que ficaram registradas apenas em minha memória. Com esse trabalho procurei registrar a dança, porém ao invés de escolher vídeo e fotografia, escolhi o desenho. Optei por um registro que pudesse ser gerado a partir do corpo do sujeito que se move, produzido no mesmo instante do gesto, carregado da mesma força, intenção e intensidade.

Apresentei a pré-banca com esses desenhos. Desenhos em larga escala, abstratos. Desejava que fossem maiores, pois sentia o gesto que os gerava expandir-se infinitamente. Mas eu tinha uma limitação espacial; o tamanho do meu atelier. Conclui que quanto mais potente é o gesto, mais interessante torna-se o registro.

Em 2019 vivi um lapso de tempo na escrita do TCC. Mudei-me para São Paulo, antes de apresentar a banca final. Pensei em elaborar o trabalho e voltar a Porto Alegre apenas para apresentá-lo. O afastamento do contexto da universidade acabou dilatando o tempo da minha formação. Fiquei um ano em São Paulo trabalhando sobre outros temas, sem conseguir me dedicar a continuar o trabalho.

Foi um período em que percebi claramente como as Artes Visuais já não fazem parte da minha vida, enquanto fazer cotidiano. A pesquisa que iniciei, de alguma forma, estava forçando a barra para inserir as artes gráficas, mas o foco principal era a exploração do movimento corporal. Me obriguei ao exercício do desenho para atender a demanda da universidade, porém esse ato não consistia em uma inclinação natural, como a que sinto pela exploração do movimento corporal. Todos os dias sinto o ímpeto de mover o corpo, alongar, fortalecer e preparar para expressar-me através dele.

Passei o ano de 2019 em São Paulo treinando Capoeira Angola na academia de Mestre Plínio. Em 2020, quando começou a pandemia, me encontrava no interior da Bahia. Este foi um momento chave de incubação, de atmosfera apta para trabalhos criativos. Havia no ar um convite à introspecção, ideal para voltar a escrever o trabalho de conclusão de curso. Tudo aquilo que eu havia começado, ficou pra trás. Percebi que já não fazia sentido continuar a mesma pesquisa de antes. Fazia sentido falar diretamente sobre as artes do corpo. À qual arte eu estava me dedicando todos os dias? Capoeira Angola.

Neste momento peço licença a ancestralidade ligada a Capoeira Angola. À todos os mestres e mestras que deram sua vida pela sua construção e permanência. Agradeço a oportunidade de fazer parte desta escola, e poder realizar um trabalho reflexivo sobre os efeitos dessa prática em minha vida. Agradeço aqueles que me indicaram o caminho e a como dar passos na direção desse saber. Peço licença para jogar esse jogo da escrita e amparo para escolher palavras assertivas que possam espelhar um pouquinho a riqueza dessa maravilhosa arte.

## CULTURA POPULAR BRASILEIRA

Sempre nos contaram que no Brasil houve um encontro de três raças. Mal nos contaram por que essas pessoas se encontravam e o que acontecia nesses encontros. Hoje podemos lembrar que quando negros e índios escravizados, e portugueses degredados se reuniam, nas condições mais brutais, injustas e cruéis, também trocavam memórias, escolhiam belezas, produziam festas e as produziam justamente com as suas diferenças.

Assim o Brasil herdou a riqueza de sua diversidade cultural. Nossos antepassados olharam, ouviram e viveram suas diferenças. Todo esse processo se dá graças ao encontro das culturas indígenas e africanas, aos recortes geográficos e diferentes contextos sociais, que vão unindo pessoas, procedimentos, desejos e valores que serão transmitidos nessas festas cuja origem remonta a antiquíssimos cultos agrários que celebravam o solstício de verão (dia mais longo do ano), o solstício de inverno (a noite mais longa), e os equinócios (noites e dias com as mesma duração).

Com algumas variantes esse processo se repete em relação a boa parte das manifestações da cultura popular brasileira: Congadas, Moçambiques, Maracatus, Bois etc. São todos encontros de culturas para celebrar determinadas situações comuns a todos os envolvidos: plantio, colheita, fertilidade, ritos de passagem.

Uma educação brasileira deveria ser o reflexo dessa nossa vocação para agregar e recriar impulsionando uma mobilização da comunidade para buscar experiências com tudo aquilo que é orgânico e traz saúde para a natureza humana.

As primeiras ferramentas que o ser humano criou para enfrentar os seus desafios foram todas criadas a partir do corpo. Um corpo que dialogava com a natureza, um corpo que dizia como conquistar, despistar, atacar, seduzir. Essa inteligência física foi cultivada por mais de 2 milhões de anos na trajetória da humanidade. Conduziu o pensamento, estabeleceu lógicas, priorizou a coletividade e desenvolveu uma inteligência que estava a serviço do desenvolvimento da espécie. Ou seja, o humano era a prioridade, a grande conquista era o desenvolvimento do potencial desse humano. No processo de desenvolvimento da tecnologia, nossa sociedade acabou por negligenciar a escuta do nosso corpo. Uma escuta preciosa para auxiliar nossas escolhas. Não dá pra imaginar nossos antepassados vivendo sem uma escuta inteligente, sem uma leitura das sensações, das reações, sem um alto nível de sensibilidade para as soluções que nasciam a partir do físico.

Isso que chamamos de cultura popular, folclore, festas ou manifestações populares são reminiscências dessas primeiras ferramentas que o ser humano inventou para vencer

os desafios de sua época, lugar e relações humanas que se estabeleciam. São padrões de comportamento que sobreviveram até os dias atuais, dentro de contextos lúdicos.

São brincadeiras que nos exigem uma presença física e mental para executá-las. Brincadeiras para entender o espaço físico, se relacionar criativamente com o outro. Brincadeiras que cobram uma repetição exaustiva e assim nos preparam para o imprevisto. Brincadeiras que nos permitem acessar dentro de nós mesmos, outros seres que lá habitam com outras questões, respostas, anseios e habilidades. As culturas tradicionais nos deixam um legado de possibilidades para retomarmos a escuta do nosso corpo e reconhecer, nos seus sinais, nossos desejos e vocações. Mestre Aldenir, um mestre de Reisado do Ceará, quando foi perguntado sobre o que era o Reisado para ele, respondeu: “É uma coisa bonita, que me dá saúde, alegria... muito simples!”

Os mestre de Maracatu, homens com mais de 60 anos, mãos calejadas pelo corte de cana, bordam as próprias indumentárias. Confeccionam manualmente belíssimos mantos repletos de desenhos abstratos e figurativos. Os brincantes de cavalo marinho, homens com a pele rasgada pelo sol, e pela aspereza do cotidiano, fazem suas máscaras e criam personagens que vão ganhar vida com versos, danças, improvisos. Os cortejos dos Moçambiques tem o jogo de bastões que transitam dos mais simples aos mais complexos, executados por homens que não recebem mais do que um salário mínimo.

Todos naquele momento trazem seu brilho para o seu entorno. Exercem uma vaidade generosa. Se sentem poderosos por transformar o pobre, o feio, o seco, o esquecido, em riso, festa, ouro. O aparentemente sem valor vira matéria de grande riqueza simbólica e humana. Em todos os lugares do Brasil podem ser encontradas referências dignas de uma educação artística brasileira. Um bom lugar para se pensar a cultura popular é como meio e não como fim, como possibilidade, inspiração, chão coletivo.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Trecho elaborado a partir da fala da educadora Rosane Almeida, coordenadora do Instituto Brincante, em São Paulo, SP.

## O SAGRADO E O PROFANO

No livro "O Sagrado e o Profano", Mircea Eliade descreve uma série de comportamentos característicos do homem religioso. O homem arcaico sacraliza a vida em várias dimensões, através de gestos, ritos e simbologias, criando dessa maneira um sistema de orientação para regular e harmonizar a sua vida e a vida de toda a comunidade a qual pertence. Da mesma forma opera o brincante da cultura popular brasileira.

Para o homem arcaico o espaço a sua volta não é homogêneo, há porções de espaço qualitativamente diferentes de outras. Existe um espaço sagrado, significativo, o único considerado real, todo o resto que o cerca é informe, opaco. A experiência da construção do espaço sagrado é primordial na vida do homem religioso. "Ela funda o seu mundo, revela um ponto fixo, um eixo central para toda a orientação futura". (ELIADE, 1992, p. 17).

A porta que se abre para o espaço sagrado é ao mesmo tempo limite, fronteira que distingue dois mundos, e "lugar paradoxal onde esse dois mundos se comunicam, onde pode se efetuar uma passagem do mundo profano para o mundo sagrado." (ELIADE, 1992, p. 19). Em contrapartida, "para a experiência profana do homem profano, o espaço é homogêneo e neutro." (ELIADE, 1992, p. 18).

O homem religioso percebe uma oposição entre o território habitado e o espaço desconhecido. O primeiro é o seu mundo, imbuído de valor cosmogônico, o segundo é um espaço estrangeiro, caótico, habitado por forças estranhas. Ao ocupar um território desconhecido, "instalando-se, o homem religioso o transforma simbolicamente em Cosmos, (seu mundo) mediante a repetição ritual da cosmogonia" (ELIADE, 1992, p. 22). Acredita que seu mundo deve ser previamente criado, assim como os deuses criaram o universo. A criação do espaço sagrado segue o modelo exemplar oferecido pela tradição de seu povo.

Nosso mundo (a fundação do mundo conhecido) se dá sempre no centro, pois é aí que há comunicação entre as diferentes zonas cósmicas. O homem religioso deseja viver o mais perto possível desse centro, o centro do mundo". A consagração de um espaço "implica em uma decisão vital que compromete a existência de toda a comunidade" (ELIADE, 1992, p. 23).

"Tal como o espaço, o Tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo" (ELIADE, 1992, p. 38). Periodicamente ele vive o tempo das festas, em oposição a duração temporal ordinária. O homem religioso passa da duração temporal ordinária para o tempo sagrado através dos ritos, encontrando um tempo mítico primordial. O rito o torna presente, reatualiza um evento sagrado que se deu no passado mítico de sua civilização. Esse evento é indefinidamente repetível, vivido como um tempo não histórico.

A vida cósmica era imaginada sobre a forma de uma trajetória circular, cíclica. Toda vez que o tempo primordial mítico é reencenado todos os pecados do ciclo anterior são abolidos, o tempo profano transcorrido desde o último rito é abolido. Assim, "o mundo se renova anualmente, retorna a santidade original" ( ELIADE, 1992, p. 41) é criado novamente. Nesse ato ocorre o restabelecimento do tempo em que os deuses tinham manifestado seus poderes máximos, é nesse ponto em que o homem religioso quer se instalar. Ele quer viver o mais próximo possível da fonte da realidade primordial, na presença dos deuses.

O mito cosmogônico serve para o homem como modelo para todos os seus empreendimentos, todas as suas criações devem espelhar a criação primordial dos deuses assim como foi narrada pelos antepassados, "a cosmogonia é o modelo exemplar de toda criação" (ELIADE, 1992, p. 44). Essa tecnologia é utilizada para as curas, para a regeneração do ser humano, tornando possível seu renascimento ainda em vida pois participa ritualmente do fim do mundo e de sua recriação.

Através da reatualização dos gestos sagrados, o homem religioso se torna contemporâneo aos deuses. Vive-se o tempo de origem, aquele que não decorre, tempo sagrado como "uma sucessão de eternidades, (...) eterno presente indefinidamente recuperável" (ELIADE, 1992, p. 47). É essa operação que permite que a duração temporal profana dos eventos históricos seja vivenciada de maneira harmoniosa, por exemplo: pode-se cultivar e consumir a mandioca ordinariamente, pois periodicamente se cultiva e consome a mandioca de maneira ritual.

O homem religioso deseja viver em comunicação com o mundo divino. Recria o tempo sagrado para que lhe sejam revelados os fundamentos da sua civilização. Os mitos são os modelos exemplares para todas as ações humanas, "quanto mais o ser humano dispõe de modelos para as suas ações, menos se perde em ações não exemplares e subjetivas" (ELIADE, 1992, p. 51). Trazem modelos para a alimentação, sexualidade, trabalho, educação, contando como cada uma dessas realidades veio a existir. "Dessa forma o homem religioso constrói a si mesmo ao se aproximar dos modelos divinos" (ELIADE, 1992, p. 52), cada festa é uma oportunidade de transfigurar sua vida ao entrar em contato com deuses por meio dos ritmos cósmicos.

Para o homem religioso a natureza está sempre carregada de um valor simbólico. "Saindo das mãos dos deuses, o cosmos fica impregnado de sacralidade (...) Os deuses manifestam diferentes modalidades do sagrado na estrutura do mundo (ELIADE, 1992, p. 59). Como a obra divina guarda sempre uma transparência, a simples contemplação do mundo é suficiente para desencadear uma experiência religiosa.

Muitos mitos contam que os deuses celestes, após o empreendimento da criação, se retiram da Terra, deixando seus filhos ou demiurgos para aperfeiçoar sua criação. "O afastamento divino traduz o crescente interesse do homem pelas suas próprias descobertas" (ELIADE, 1992, p. 63), sua atração por experiências religiosas mais concretas, em descobrir o sagrado na fecundidade terrestre.

Como afirma Eliade (1992), com o surgimento da agricultura, a experiência religiosa torna-se mais intimamente misturada à vida. Entram em jogo as mitologias da terra, da mulher e da sexualidade. Os humanos voltam-se para o deus supremo apenas em casos de necessidade extrema, os deuses que substituem os celestes são dotados de grande força, poder e fecundidade, possuem energia vital ilimitada, exaltando e amplificando a vida humana, estão habilitados a auxiliar a humanidade em diversas funções da vida telúrica.

Graças aos símbolos o mundo se torna suscetível de revelar sua transcendência. Os elementos da natureza são cartas em que podem se ler inúmeras mensagens. Exemplos: A água é símbolo da morte e renascimento, ela fertiliza e multiplica o potencial da vida assim como é capaz de diluir todas as formas. A terra é símbolo da mãe primordial, o homem surge dela e a ela retorna. A lua é símbolo da transformação cíclica, revela "um sistema coerente de verdades relativas" (ELIADE, 1992, p. 77). O sol é símbolo da força imutável, da clareza e da sabedoria. A árvore exprime a capacidade infinita de regeneração, seu fruto é associado à imortalidade. Os ritmos cósmicos evidenciam a realidade da ressurreição, através das estações do ano de fertilidade e seca. Os ritmos da vegetação revelam para o homem religioso os mistérios da vida.

A única maneira de compreender o universo mental alheio é situar-se dentro dele. Para o homem religioso das sociedades arcaicas o mundo foi criado pelos deuses. A existência do mundo "não é opaca, inerte, sem objetivo e significado" (ELIADE, 1992, p. 80), ela quer dizer alguma coisa. O cosmos vive e fala. O ser humano faz parte dessa criação, portanto identifica em si a santidade que reconhece no cosmos, sua vida é assimilada a vida cósmica. Essas correspondências se manifestam em experiências vividas, não somente idéias. Sua vida contém uma dimensão a mais, não somente humana mas também cósmica, trans humana. Por isso pode se dizer que sua existência é aberta, não é limitada pelo modo de ser apenas do homem. Vive no homem religioso, uma parte do mundo.

"O hindu, que ao abraçar sua mulher, proclama que ela é a terra e ele o céu, está ao mesmo tempo plenamente consciente de sua humanidade" (ELIADE, 1992, p. 81). Ao dizer que a enxada é um falo, as sementes o sêmen, sabe muito bem que a enxada é uma ferramenta inventada pelos humanos que exige um conhecimento técnico para operá-la. Ou

seja, o simbolismo cósmico “junta um novo valor a um objeto ou uma ação, sem com isso prejudicar seus valores próprios e imediatos” (ELIADE, 1992, p. 81). A abertura para o mundo permite ao homem religioso conhecer-se ao conhecer o mundo. A vida é vivida em um plano duplo, suscetível de ser santificada.

No passado, “todos os órgãos, experiências fisiológicas e gestos humanos tinham significado religioso” (ELIADE, 1992, p. 81), pois todos os comportamentos humanos foram fundados pelos deuses. “Os deuses fundaram os diversos trabalhos, formas de se alimentar, fazer amor, exprimir” (ELIADE, 1992, p. 81). Os órgãos e suas funções foram valorizados por sua associação a diversas regiões e fenômenos cósmicos. Esses conceitos acabam gerando um sistema de correspondências micro-macro cósmicas. Por exemplo, os sopros são o vento, os olhos o sol e lua, os ossos são pedras, os cabelos ervas, o ventre é uma gruta. “Essas correspondências nos interessam pois são cifras das situações existenciais” (ELIADE, 1992, p. 82).

“Toda a experiência humana é suscetível de ser transfigurada” (ELIADE, 1992, p. 83), as funções básicas podem se tornar sacramentos. Aquele que sabe disso dispõe de uma experiência totalmente diferenciada do homem profano. Sua habitação é um microcosmos, assim como seu corpo. Vive uma correspondência entre corpo, casa e cosmos, pilares de sua existência.

“Toda existência cósmica está predestinada a uma passagem” (ELIADE, 1992, p.87). O homem passa da pré-vida a vida e finalmente a morte, tal como o antepassado mítico passou da pré - existência a existência e o sol das trevas a luz. A lua expressa esse arquétipo do devir cósmico, passagem exemplar do virtual ao formal. “A concepção da existência humana é que uma vez nascido o homem ainda não está acabado, deve nascer uma segunda vez, espiritualmente, passando de um estado embrionário, imperfeito a um estado completo, adulto” (ELIADE, 1992, p.87). A vida chega a plenitude ao longo de uma série de ritos de passagem, iniciações sucessivas.

“Todo o caminho pode simbolizar o caminho da vida, toda marcha, uma peregrinação para o centro do mundo” (ELIADE, 1992, p. 88). A ponte ou porta estreita costuma ser símbolo que traduz as dificuldades do conhecimento metafísico e de sua travessia.

Os ritos de passagem marcam momentos como a puberdade, o nascimento, o casamento e a morte. Costumam seguir um modelo similar, começando com o neófito se retirando na selva, mergulhando nas trevas, em uma cabana iniciática, que simboliza o ventre materno. Este é o momento de “regressão ao estado embrionário” (ELIADE, 1992, p. 91), a morte do iniciado através do esquarteramento pelos demônios responsáveis pela iniciação. A morte é a primeira condição da regeneração mítica. Em seguida vem o

renascimento, os iniciados esquecem tudo de sua vida anterior, recebem novos nomes, aprendem um novo vocabulário. A morte significa superação da existência profana e o renascimento, a entrada para o mundo de conhecimento dos mistérios, da responsabilidade de ser adulto.

Segundo Mircea Eliade (1992), o homem moderno nega os procedimentos iniciáticos. Se pretende a-religioso, porém descende do homem religioso, carregando ainda uma mitologia camuflada e diversos ritualismos degradados. Os mitos do homem moderno se concentram em sua fábrica de sonhos, o cinema, que utiliza diversos motivos míticos. Através do hábito da leitura o homem moderno vivencia a saída do tempo ordinário. Os movimentos políticos carregam estruturas mitológicas, fanatismos e ideologias. O modo de ser da existência humana repete quadros mitológicos, tais como as provas e dificuldades que tornam árduas uma vocação, os sofrimentos que sofrem os jovens ao experimentar suas possibilidades até tomar consciência de suas forças e se tornarem adultos e criadores.

Grande parte da vida é alimentada por pulsões que chegam do inconsciente. Os conteúdos do inconsciente apresentam semelhanças com as imagens mitológicas. Tais estruturas são resultado de situações existenciais imemoriais. Toda crise existencial põe em questão a realidade do mundo e a existência do homem. “A religião é a solução exemplar de toda crise existencial” (ELIADE, 1992, p. 101). É repetível e considerada de origem transcendental, resolve a crise, “permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais e, no fim das contas, alcançar o mundo do espírito” (ELIADE, 1992, p. 101). Graças ao símbolo, o homem religioso consegue sair do âmbito individual e se abrir para o universal.

As mitologias privadas do homem moderno “não transformam uma situação particular em situação exemplar” (ELIADE, 1992, p. 101) não se integram em uma concepção de mundo e não fundam um comportamento. Mesmo quando um símbolo está presente no imaginário do homem moderno profano e reintegra o equilíbrio de sua vida psíquica, ainda não está desempenhando completamente sua função pois não desperta a consciência total do homem, “não conseguiu revelar-lhe uma das estruturas do real” (ELIADE, 1992, p. 102).

Por mais que seja ajudado pela força de seu inconsciente, que lhe oferece soluções, não alcança uma visão de mundo. Religião e mitologia estão ocultas nas trevas do inconsciente do homem a-religioso. “As possibilidades de re-integrar uma experiência religiosa na vida desses homens jazem profundamente neles próprios” (ELIADE, 1992, p. 102).

## PARALELOS

Os procedimentos adotados pelo homem religioso descritos por Mircea Eliade podem ser observados no comportamento do povo brasileiro ao exercer sua cultura. A chamada cultura popular brasileira é composta por manifestações que se desenvolveram por todo o território nacional a partir do cruzamento cultural entre etnias indígenas, negros africanos e europeus. Encontros que despontaram em inúmeros ritos e festas, cantos e danças. Realizados com o propósito de fortalecer os laços comunitários, lembrar os ancestrais, agradecer a natureza, educar futuras gerações, louvar os deuses. São resistências culturais de cada um desses povos, transformadas pelo contexto sociológico em que se reuniram.

Como estudo de caso para evidenciar o quanto a sacralização da vida permanece presente nas entranhas da cultura brasileira escolhi a capoeira, arte que está em dezenas de países, que abarca um sistema de práticas educacionais tais como o canto, a dança, a luta, o toque e confecção de instrumentos, a oralidade, a filosofia, a ética, o engajamento comunitário, a valorização das gerações anteriores, a transmissão dos saberes tradicionais. Tais atividades são exercidas por uma comunidade internacional, que tem como referências homens e mulheres baianos; agricultores, feirantes, pedreiros, costureiras, lavadeiras, cozinheiras, rezadeiras, sacerdotes do povo.

O que a capoeira revela é um sistema de orientação transmitido de mestre a discípulo, com linguagem própria; códigos imbuídos de conhecimento sobre a vida, que servem aos discípulos para escolher e modular posturas e comportamentos. Revela uma cosmologia profundamente arraigada em solo brasileiro, que atua alheia os olhos de grande parte da população, como a raiz de uma árvore, oculta, porém que sustenta toda sua copa.

A capoeira ensina o caminho para o centro do mundo, conforme a descrição de Mircea Eliade, utilizando diversas ferramentas corporais, espaciais e temporais para conduzir o ser humano ao autoconhecimento e ao conhecimento do Cosmos. Quem persiste nos passos dessa escola iniciática, atravessa seus estreitos portões, chega ao outro lado e passa a enxergar as coisas sobre uma nova ótica. Indivíduos que fazem uma passagem e tornam-se homens responsáveis pela vida que receberam. Devem transmitir o B-A-Ba de sua escola para os mais novos poderem ler e interpretar corretamente os sinais da vida, seguindo a direção apontada pela tradição. "Vo aprende a lê, vo aprende a lê... pa ensina meus camará, haha, meus camará." (Samba Chula de São Braz, Recôncavo baiano).

Essa direção é essencialmente a da preservação da vida, de sua autenticidade e vigor, mantendo presentes as forças da celebração, da paz e da união. Os discípulos, através do couro dos pandeiros e atabaques, do aço dos berimbaus, da movimentação de

seus corpos em transe, em jogo de oração e mandinga, aprendem a acompanhar e seguir os ritmos da natureza; sua própria natureza interna e a natureza do universo que os criou. Assim acontece uma sincronização micro-macro cósmica do indivíduo com o seu mundo, do indivíduo com sua gente.

A capoeira é uma escola iniciática repleta de ritos de passagem. Sua formação ocorre através de todas as situações existenciais e da observação das mesmas em analogia aos princípios da roda. O mais fundamental ritual é a roda de capoeira; performada com periodicidade regular, reúne todos os integrantes do grupo para um bate-papo corporal ao som dos berimbaus. Ali são explanados todos os conteúdos estudados durante a semana. Uma verdadeira enciclopédia é aberta. Os signos corporais expressam uma série de situações vividas. Os jogos tem força metafórica, poder simbólico. Através deles vemos e compreendemos melhor fenômenos presentes na vida em âmbito mais amplo.

Essa é a força mágica do rito, trazer para a proximidade, em um contexto mais íntimo e acessível, as coisas todas que acontecem mundo afora. De forma que elas possam ser apreendidas, assimiladas, ressignificadas e até transformadas. O rito possibilita a sabedoria dos elementos energéticos que compõem uma determinada situação, e quais elementos precisam ser usados para ter influência sobre ela.

Durante o ritual a música atua sobre o que acontece no centro da roda, o centro da roda atua sobre o que acontece na música. Um dita o outro, um expressa o que o outro está dizendo, lê o outro e reage, dá uma resposta. É pergunta e resposta o tempo inteiro, entre os jogadores, entre coro e bateria, entre berimbau e jogo, berimbau e bateria, etc. É um sistema completo, coeso, complexo e constante de comunicação.

Os mestres, guias, são os mediadores dessa conversa, em comunicação com as forças ancestrais, energias da natureza e apoios espirituais. O coro faz a liga, é a corrente. Faz a costura entre os participantes unindo-os em um coletivo. Forma a roda, recipiente onde serão despejados os conteúdos universais, através do fluido vital dos participantes. Não existe público e platéia, todos são uma coisa só, essa é a simbologia da roda. Tal operação apenas funciona se a liga estiver boa e cada qual estiver fazendo a sua parte. É uma viagem coletiva, mas individual também.

A capoeira é uma tradição que dialoga desde sua origem com o samba de roda, o repente, o candomblé. Essas expressões brasileiras que se dão desde que o mundo é mundo, ou pelo menos desde que o Brasil é Brasil, desde que o Brasil começou a ser miscigenado, desde que as raças se misturaram. Sempre vão continuar, independente da atenção da grande mídia. São performadas de maneira autônoma, com as ferramentas que

estiverem à disposição, um prato, um pedaço de vidro, um copo, um pau, uma pedra, um arame, uma caixinha de fósforos.

Apenas os corpos, palmas e vozes dessas pessoas são suficientes para construir castelos, sonhos, tesouros, riquezas. Apenas o encontro de suas gentes, basta. E é justamente isso que é celebrado, o humano, acima de tudo, para além de qualquer dor, junto com a natureza, pois é natureza também. "Eu vim aqui na capoeira, eu vim para ela me ensinar, viver a vida na natureza, lembrar que somos Orixás." (Mestre Lua Santana).

O jogo e as canções da capoeira espelham as situações da natureza. O movimento dos ventos, das marés, a dinâmica dos pássaros, dos bichos, como uma planta cresce, como dá fruto, como dá semente. Fazem analogias aos comportamentos humanos. Os movimentos corporais imitam os movimentos dos animais, como indicam o nome de alguns deles; sapinho, rabo-de-arraia, escorpião. A capoeira foi concebida a partir da observação da natureza. Quem a pratica procura compreender e viver conforme os mesmos princípios, viver em consonância com a natureza para atingir um estado de espírito harmônico.

## TESTEMUNHO

### **O Lúdico**

Nesta seção do texto abordo minha experiência pessoal com a Capoeira Angola; como comecei a trilhar esse caminho e quais momentos me marcaram e foram significativos para dar continuidade a prática. A Capoeira Angola é um potente instrumento de autoconhecimento e de criação de vínculos comunitários. Ela é capaz de gerar profundas transformações sociais e pessoais. Através do meu testemunho espero contribuir para o reconhecimento e valorização da capoeira como prática cultural digna e repleta de riqueza e conhecimento.

A experiência com a capoeira tem em minha trajetória um profundo significado de resgate. Resgate do estado de espírito que eu habitava quando criança. Resgate do brincar, da ludicidade, da exploração das potências e habilidades corporais.

Eu vivi uma infância absolutamente ativa, de muita liberdade física e criativa. Cresci com dois meninos, meus irmãos, e mais um monte de amigos do gênero masculino. Essa convivência, e as minhas próprias inclinações naturais, me fizeram viver uma intensa exploração do corpo na infância. Brinquei de tudo: pega-pega, esconde-esconde, futebol, taco. Subir em árvore, nadar em rio, mar, subir em pedras, andar de bicicleta, carrinho de rolimã, fazer circo, surfar. Tudo isso me nutriu de muita liberdade, vitalidade e alegria.

Em um certo momento de transição da infância para a adolescência, quando tive que enquadrar meu comportamento dentro do gênero feminino, sofri uma poda drástica de comportamento. As brincadeiras adequadas para a minha nova condição de “mocinha” eram de uma natureza muito diferente. De uma natureza passiva, ficar sentada, mover o corpo o mínimo possível. Desempenhar o papel de menina me levou a viver um forte processo de castração. Me calei por longos anos, esfriei meu temperamento, fechei o rosto, adotei uma personalidade tímida, introspectiva.

Ausentei-me do mundo de alguma forma, me mantive durante anos dentro de mim, vivendo um fantástico mundo interior, repleto de riquezas e maravilhas, porém sem conseguir expressá-las para o mundo exterior, para as outras pessoas. Dos 10 anos aos 17, a timidez tomou conta de mim de forma quase completa.

Até a chegada de um momento importante. Através de rituais iniciáticos comecei a voltar a me reconhecer, lembrar da minha essência abafada socialmente, sentir novamente a liberdade primordial de minha infância. A minha iniciação aconteceu através de rituais espirituais sacramentados pelo uso do enteógeno ayahuasca.

Beber essa planta de poder, dentro de um contexto comunitário repleto de expressões artísticas como a música e dança, fez aos pouquinhos com que alguns canais de expressão há muito inexplorados, bloqueados, se abrissem. Como os anos de inércia foram muitos, os desafios de superação são equivalentes. Mas a força dos rituais xamânicos e do coletivo é muito profunda e forte em proporcionar curas.

Nesse processo e no mesmo período conheci a capoeira. Um belo encontro, que começou de forma tímida e aos poucos foi me chamando mais e mais. Sinto-me em um caminho de aproximação em relação a capoeira, cada vez um pouquinho mais próxima do coração dessa prática. A capoeira foi e é, um portal em minha vida, de acesso a mim mesma, ao meu eixo, à minha raiz. Foi através da capoeira que pela primeira vez depois de anos de adolescência reprimida, voltei a usar meu corpo.

Voltei a habitá-lo profundamente, utilizá-lo como ferramenta de expressão e vitalidade. A capoeira tem gradualmente me devolvido a liberdade de ser uma menina, uma mulher, que é forte, potente, flexível, ágil. Aos poucos a prática da capoeira me presenteia com a potência de ser dona de minha própria ferramenta, de ter autoridade sobre meu próprio corpo e território.

Nesse processo estou reencontrando a felicidade do movimento. Do fluxo de energia que acontece através do corpo, que leva e conduz sentimentos, sensações e crenças. É um processo de resgate que a capoeira provoca no sentido de acordar a sensibilidade adormecida pelos anos de vida adulta, resgatar o estado de espírito infantil do sentido de voltar a ter a capacidade de viver a vida através da exploração das potências corporais. Liberdade para dançar, correr, rir, gargalhar, gritar, a liberdade de brincar.

É essencialmente sobre isso que a capoeira diz respeito, sobre o brincar. Para mim, a cura está no brincar. Os velhos mestres capoeiristas não dizem que vão jogar ou lutar capoeira, dizem que vão brincar. Quando brincamos habitamos um estado despreocupado do ser, ao mesmo tempo com alguma seriedade. Estado que quer conhecer a vida, através do olhar da criança. Olhar para as coisas e reinventá-las pela ótica da ludicidade. Olhar brincalhão, que traz o estado de maravilhamento.

Na capoeira vivemos a situação de jogo. Que estado de espírito ficamos em situação de jogo? Atentos, compenetrados, porém com leveza e sentido de graça. Estamos dispostos a perceber, notar, sentir e viver a graça de cada situação. As dinâmicas propostas apenas são possíveis com humor, não se levando tão a sério. Nem tão sério, mas nem tão descontraído, brincando de verdade, com verdade, em interação com o outro que está diante de você e com o coletivo de pessoas envolvidas na brincadeira. Em situação de jogo, cobertos de ludicidade e seriedade, queremos descobrir o mundo, aprender o mundo.

Muitas pessoas já passaram por esse caminho antes; já foram descobrindo a beleza da coisa, as regras do jogo, os truques e manhas, os limites e condições. Isso é a beleza também de toda essa história, a gente pega o jogo já começado há muito tempo, por esses mais velhos que vem explorando a arte e conhecendo seus princípios. Esses mais velhos passam pra gente e a gente continua a descobrir-se dessa maneira, através dessas regras, sempre co-criando também. É lindo que eles abriram caminho dessa senda de conhecimento de mundo, e entregam pra nós, já todo codificado.

Mas nessa caixa preta todas as possibilidades de descobrimento e de combinações continuam abertas. As ferramentas estão disponíveis. Nós podemos usá-las para nossas operações, descobertas e diversões, nossas iniciações, interações e co-criações, aberturas, mapas, segredos, mistérios, gozos. Continua até o infinito esse processo. Temos as ferramentas porque eles guardaram para nós.

Por isso sempre agradecemos a esses imortais, portadores da chama, do legado, do oráculo. Uma tradição mantida pela fé e dedicação, de senhores e senhoras que habitam um salão consagrado na história, em nossos altares, em nossos cantos mais sagrados. Mantiveram o segredo protegido por gerações, regaram e cultivaram a semente desse saber, e por generosidade e consciência compartilham com os próximos. “Saudamos todos aqueles que sabem que não cultuamos as cinzas dos nossos antepassados, mas a chama imortal que os animavam.” (Ariano Suassuna).

O estado de espírito de descoberta do mundo através da brincadeira é o que chamo de arte. Cultura é agricultura de pessoas, é a utilização de nossos recursos no sentido da abundância da vida. Agricultura como atitude de cultivar valores, ação de cultivo da natureza em si mesmo, da fauna e flora internas.

Nosso mundo é regido pela lógica da competição. A competição, movida pelo desejo de vitória, carrega em si o desejo do fracasso do outro. A competição nos oferece um ganhador, para quantos fracassados? Trata-se de uma produção de fracassados e o que agrava ainda mais esse quadro preocupante é que não há um mecanismo que integre o fracasso na sociedade.

A sociedade movida pela lógica da competição não assimila o fracasso. Quando dez seres estão competindo, o resultado é um vencedor para nove fracassados. Nove que não serão assimilados pelo sistema, que serão deixados à margem, excluídos.

A cultura popular brasileira opera através de uma outra lógica, consiste em uma cultura de acolhimento. Oferece dinâmicas para locomover os desafios para o interior. Nos coloca constantemente os questionamentos: Como olho? Como escuto? Como me

comunico? Ela opera redirecionando o impulso de competitividade para ser aplicado na conquista de si, na capacidade de ultrapassar os próprios desafios.

### **Festas Populares**

Vivemos, de uma certa forma, uma sociedade carente de gente. Ser gente é uma qualidade de refinamento que a cultura elabora. A palavra cultura significa cultivo de conhecimento. O cultivo da cultura popular se dá através de certas ferramentas. Uma essencial é a festa popular.

As festas populares são espaços de manifestação para o rito. Elas podem ser lidas a partir de três alicerces: O rito como a maneira de vivenciar o mito, a comunicação simbólica que ele carrega, expressa pelas cores, roupas, texturas, e o transe, a transpiração, a experiência física que extrapola o cotidiano, que mergulha o sujeito em novas sensações.

Existem festas populares com distintas finalidades. As festas para lembrar, que cultivam a memória da comunidade. As festas para desejar, como o carnaval e os aniversários. As festas de agradecimento, que incluem uma série de procedimentos como cortejos, cerimônias e comemorações.

As festas para lembrar organizam a memória coletiva, são fórmulas e ritualísticas para serem transmitidas adiante. As festas de agradecimento dramatizam a vida, são constituídas de um percurso de acontecimentos. Nesse percurso normalmente está inserida uma parada de organização, para a construção de conhecimento. São momentos para sintetizar o conteúdo experienciado. Então há o momento do agradecimento, apenas este é capaz de gerar o fechamento do ciclo correspondente e o renascimento para o próximo.

A dinâmica das festas populares parte do saber de que é preciso agradecer tudo o que passou, comemorando, celebrando a vida. Agradecer envolve processar, sintetizar e compreender a experiência, em profunda aceitação. Agradecer é recomeçar, passar adiante na espiral da evolução. Um processo diz respeito a viver os ciclos em sua plenitude. Sentir-se novo em folha de novo para embarcar na próxima aventura.

Se investíssemos coletivamente nessas operações que organizam a memória, saberíamos com maior facilidade que fase do ciclo estamos vivendo. A reciclagem é perpétua. Um ritual interessante para o cotidiano é revisitar as memórias e agradecê-las, todos os dias. Para os nossos antepassados esses procedimentos são pontos de partida para viver a vida. As festas populares são alimento emocional.

Para a população portadora de tais tradições, riqueza é saúde e sabedoria. Nas festas de agradecimento, o que essas comunidades têm para oferecer? Como não são portadoras

de grandes bens materiais, oferecem sua experiência, habilidades, memórias e afetos. Se essas comunidades nada possuem, o que elas tanto agradecem? Agradecem a natureza, os seus presentes de abundância, a sua beleza.

## **Argentina**

Em 2011, eu viajei a Buenos Aires para passar um mês após a finalização da minha formação no Ensino Médio. Acabei me encantando com a cidade e me fixei naquele território, em que habitei durante um ano da minha vida. O despertar através do contato com a cultura popular brasileira, descrito anteriormente, aconteceu um ano antes, no início de 2010. Eu vivia um momento muito incipiente no processo de iniciação com a capoeira.

Em 2010, em São Paulo, comecei a explorar esse caminho. Participei de um grupo chamado Tribo Bahia, de capoeira contemporânea, conduzido pelo professor Bico Duro (Ronivon Nascimento), hoje Mestre. Quando me mudei para Buenos Aires, reiniciei o caminho, comecei um novo processo. Entrei em um grupo de Capoeira Angola. A capoeira angola enfatiza o vínculo com a ancestralidade afro-brasileira, zela pelos princípios éticos, estéticos e filosóficos que regem as culturas de matriz africana no Brasil.

A capoeira angola se apresentou como uma nova experiência para mim, em que o contato com o adversário/parceiro é essencial. O diálogo real entre os dois participantes que interagem na roda, com movimentos de “ataque e defesa”, as forças negativas e positivas que compõem o jogo de capoeira. Positivo e negativo aqui, não passam por uma questão de juízo de valor. São pólos, como as cargas da eletricidade, que fazem a energia acontecer, fluir. Positivo e negativo significam as forças ativas e receptivas que compõem um jogo de capoeira. Pergunta e resposta, onde há complementaridade. Diálogo real, compondo uma conversa com sentido.

Pratiquei Capoeira Angola em Buenos Aires em um grupo chamado “Movimiento Afro Cultural”, conduzido pelo uruguaio Mestre Diego Bonga. Vivenciar essa cultura teve papel fundamental em minha trajetória fora do país. Foi minha âncora, meu fio-terra, minha conexão profunda com o sentimento de casa, de mãe, com a esfera de conforto e alegria que a cultura que escolhemos adotar nos oferece.

Começar Capoeira Angola na Argentina foi atender a um chamado. Escutei o som de um berimbau na rua, segui o som, atendi ao chamado. Fui parar em um cantinho da África na rua mais turística de Buenos Aires. Praticar Capoeira Angola também significou me inserir dentro de um contexto comunitário, formado a partir do cultivo de uma cultura preta e baiana, mas que possui um imenso potencial agregador.

A família da qual me aproximei em Buenos Aires era formada por todas as cores, uma família internacional, com iraniana, russo, uruguaio, chileno, boliviano, argentino, brasileira. Tal experiência me revelou um aspecto forte sobre a linguagem da capoeira angola; o quanto ela é capaz de transpor barreiras culturais e geográficas e atingir os espíritos de seres humanos das mais diversas origens e formações.

Vivenciar o contexto regional, social e cultural em que a capoeira angola floresce faz enorme diferença na compreensão da prática, mas a capoeira não se limita a esse contexto. Por mais que esteja intimamente entrelaçada com a cultura afro-baiana, ela se expande pelo globo inteiro. É capaz de gerar transformação e abundância na vida de muitos. É capaz de dialogar com muitos contextos culturais, e fazer sentido na vida das pessoas que habitam esses lugares. “A capoeira angola é uma semente, que deve ser espalhada pelo mundo inteiro” (Mestre João Grande).

Em Buenos Aires encontrei uma família. Reconheci que família, refúgio, casa, comunhão é estado de espírito, atingido pela repetição de um gesto. O gesto ancestral que nos funda. O gesto que é a fundação de uma cultura, de uma realidade, uma visão de mundo e maneira de ser. O gesto da casa de nossa mãe, toda vez que repetido nos remete a um passado distante e presente. Quando revivido, recria aquela realidade, torna-a vívida, acesa. É sentida por todos, ela está e é, como sempre foi. Neste momento o mundo renasce. Cada um que ali está, pode usá-lo para renascer também.

## **Teatro**

Isso é o que mais me impressiona da prática da capoeira, o poder de união que tem seu ritual. Une diferentes pessoas de diversas culturas, em roda, em um círculo, cultivando intenções em comum. Os ritos contêm uma tecnologia poderosíssima. Contém o poder de unificar os propósitos, juntar as gentes, fazê-las sentir que existe um sentido muito mais profundo de estar vivo do que apenas o microcosmo individual, a narrativa do ego de cada um. Existe um sentido comunitário de estar vivo, um sentido coletivo, capaz de acolher as histórias pessoais, reconhecer e enaltecer a individualidade de cada ser, sua singularidade.

O bonito de um coletivo é a união das singularidades, das diferenças. A beleza na composição das diferenças, navegando juntas, em um mesmo sentido, que está no bem estar comum. Tribo formada pelos moradores do mundo, atravessando fronteiras nacionais, superando fronteiras linguísticas, agregando credos e religiões, em um ato sincero e profundo de religar, o ser com os outros que estão ao seu redor, alinhando os corpos, os pensamentos e as ações. O processo iniciático que se dá na capoeira pretende alcançar o

estado de ser um humano integrado, que nutre a si mesmo e aos que estão ao seu redor, em um ciclo sem fim. A obra prima dessa matéria é o próprio ser humano.

Sistemas de conhecimento como a capoeira possuem uma antiga sabedoria de se auto perpetuar, através da vida comunitária, da oralidade, do respeito e da valorização dos que vieram antes. Sistemas que funcionam em espelhamento aos sistemas naturais, às florestas, rios, montanhas, ventos, marés, ao ritmo do cosmos. Assim como nas florestas, as árvores mais antigas exercem o mais alto papel hierárquico. Conduzem a floresta inteira, dão os sinais de crescimento, de nutrição, de saúde e vitalidade. As árvores mais antigas preparam as mais jovens, criam elas, dão o sustento necessário para que se desenvolvam plenamente. Nutrem o solo para que possam vicejar.

Quando elas se vão, avisam sua comunidade com antecedência da sua partida, pois outra árvore habilitada assumirá seu posto. Quando elas caem abrem uma grande clareira diante de si, terra fértil para vida nova brotar. Para vida nova crescer banhada de sol e vida, a partir de um solo preparado por gerações. Adubado com o corpo e a seiva de muitas ancestrais que viveram por lá. Que alcançaram os céus e tombaram virando adubo para as suas sucessoras, a vida gerando mais vida. Vida que ao morrer vira vida de novo, um ciclo perpétuo de retroalimentação. Assim são as comunidades tradicionais, os anciões e as crianças são fundamentais, representam a continuidade. A vida daquela comunidade está em suas mãos e vidas.

A colheita está em viver o potencial comunitário dos seres humanos, despertando a consciência do propósito singular de cada um dentro do coletivo. A capoeira é uma escola que ancora e transmite tal princípio. Cada ser envolvido no acontecimento compõe a experiência, co-cria, tem influência sobre ela, soma com a sua energia para movimentar e fazer girar a roda. Todos participam, não existe público e platéia.

Cada praticante ganha um momento para expressar sua individualidade, sua forma singular de interpretar a linguagem estudada. No centro da roda, apreciado por todos, o sujeito torna-se veículo dos aprendizados que o grupo vivencia. Enquanto isso, a corrente de pessoas em volta, no cordão, gera a energia para o jogo ser bonito. Direciona sua atenção para sustentar o encontro, dar suporte aos acontecimentos no interior da roda. Os que estão mergulhados, em campo de mandinga, brincam graças a esse amparo. Na maior parte do tempo, cada um está se doando para a sustentação da roda.

A roda é o mundo simbolicamente. Assim como na vida, passamos a maior parte do tempo observando, fazendo uma pequena contribuição, trabalhando, cantando, tocando algum instrumento, para contribuir com o grupo. Participamos, atentos, ativos em nossa

passividade, construindo a energia necessária para a brincadeira, harmonizando o encontro dos que vieram.

É um teatro da vida. Temos o nosso espaço para estar em foco, breve e especial, que deve ser aproveitado, desfrutado da melhor forma possível, pois é mágico. Significa um momento oracular, em que uma série de perguntas estão em pauta.

Com quem vamos jogar? Quem vamos encontrar? Que situação será apresentada a nós? Que situações vamos enfrentar? O que iremos co-criar? O que seremos capazes de captar, que mensagens e detalhes vamos perceber da comunicação sutil que ocorre entre os envolvidos na roda? Como vamos nos relacionar com a música, com o ritmo, com a bateria? Perceberemos como estão tocando, as intenções por trás de cada toque e cantiga? Perceberemos a comunicação musical e corporal que se dá entre os que estão tocando e os que estão jogando? Entre as lideranças do lugar? Que trocas invisíveis ocorrem?

Quem está na liderança musical tem uma grande responsabilidade em uma roda de capoeira. A música é o fio condutor que une o coletivo. Ela estabelece a comunicação, através do ritmo, das melodias e das perguntas e respostas do coro. Transmite mensagens para orientar a performance dos jogadores. Existem versos inseridos nas canções com este propósito, assim como toques que comandam o andamento e o temperamento do jogo. A música também estabelece uma comunicação sutil com as forças invisíveis que são invocadas para estarem presentes durante o ritual.

A roda como um todo é um grande sistema de comunicação, o mecanismo de pergunta e resposta é sempre utilizado. Para cada pergunta existe uma série de atitudes que não funcionam, ficam fora de contexto, portanto não tem sentido. Para cada pergunta existe uma série de respostas que se aliam à pergunta, que se afinam a ela e complementam seu sentido, a solucionam.

Existe um imenso número de variações possíveis para as respostas, aí que atua a criatividade humana. A mesma lógica pode ser aplicada às perguntas. Existe um contexto apropriado para lançar cada movimento e a necessidade de uma intenção clara na movimentação. Que ela aconteça em comum acordo às mensagens que estão sendo trazidas pela bateria, pelos cantadores e pela atmosfera na roda.

Dentro dos princípios estabelecidos, muitas variações são possíveis, muita criatividade pode ser aplicada. Essa dinâmica faz com que a roda seja um mecanismo extremamente eficiente para treinar nossa atenção, para aprender a lidar com a surpresa, com o inesperado e dialogar com inteligência com a informação surpreendente que emerge do jogo lúdico. Praticar a ponto da reação à movimentação do outro ser elegante.

O estado de espírito desperto, equilibrando o lado ativo e o receptivo, é almejado. Balanceando aspectos subjetivos (fruição estética) e objetivos (eficiência marcial) do ser humano. Segundo Mestre Cobra Mansa, um reconhecido mestre de Capoeira Angola, o jogo de capoeira deve ser: 1. Bem feito, 2. Eficiente, 3. Bonito. A capoeira é uma filosofia de vida, ensina seus filhos a como se comportar diante das situações surpreendentes da vida e a como fazer bonito perante seus atritos.

O centro da roda é ocupado pelo corpo. Dois corpos estão no centro, em jogo. As tradições afro-brasileiras em geral tem esse formato. O que significa isso simbolicamente? O centro do culto ocupado pelo corpo, que tipo de relações com nosso corpo é proposta por essas manifestações? Que estados corporais são provocados?

Estados mentais, emocionais e vibracionais de transe, são estados de grande presença, em que os sentidos e os instintos estão super ativados para responder com prontidão e sagacidade à situação proposta pelo companheiro. Tudo isso dentro da cadência e do ritmo do ritual. Há uma lógica temporal muito forte que rege toda a festa, o tempo é uma força muito presente que deve ser respeitada. Sincronizar som e movimento, intenção e ação, indivíduo e coletivo, é primordial em tais manifestações.

O corpo é cultuado. Os iniciados trabalham a capacidade de incorporar forças muito maiores que eles próprios, “forças da Terra, da Água e do Ar”, como diz Mestre João Grande em uma de suas ladainhas (música que inicia ou reinicia a roda de capoeira).

O corpo é vida, natureza, espírito, cosmos. É mensageiro de códigos universais, de conhecimento e sabedoria. O corpo tem a capacidade de tornar o espírito palpável. Dar forma e expressão aos seus atributos. O corpo dá expressão às qualidades do espírito, como a alegria, o vigor, a vitalidade. “A igreja diz: o corpo é uma culpa, a ciência diz: o corpo é uma máquina, a publicidade diz o: o corpo é um negócio, o corpo diz: eu sou uma festa.” (Eduardo Galeano). O corpo é âncora, acorda nossa potência de viver como se todos os dias fossem festas.

O corpo tem a capacidade de ser receptáculo de forças arquetípicas. Como um tarot, pode compor imagens das forças que atuam em nosso inconsciente, que tecem nossos enredos por detrás do pano da consciência. Forças que muitas vezes escapam à compreensão intelectual, a linguagem do dia-a-dia não é suficiente para expressá-las.

Forças que precisam de uma linguagem própria para serem traduzidas, códigos específicos. Às vezes um signo corporal é capaz de traduzir um conhecimento que um texto não é capaz de fazê-lo. A linguagem é a roupagem na qual o conhecimento se instala. Pela qual o conhecimento é transmitido. Portanto certas substâncias só conseguem ser transmitidas e captadas através de certas roupagens.

A linguagem abriga um saber, é o seu transporte, o leva de cá para lá. Parece que de tanto acompanhar o conhecimento, a linguagem acaba moldando um pouco ele a sua maneira. É importante aprender uma linguagem para adquirir um saber. Como se a sabedoria não pudesse ser absorvida em sua nudez. Apenas quando alcançamos a profundidade de uma linguagem, começamos a acessá-lo.

Como se fosse a prova necessária para ser digno do acesso e portador do conhecimento; aprender sua linguagem, conhecer seus sinais, decifrar seus códigos. É um processo de muitas etapas, já que a linguagem tem inúmeras camadas. Conceito e contexto acabam casando, virando algo indissociável. O corpo possui um vocabulário imenso e um tremendo potencial simbólico. Como podemos nos alfabetizar nas leituras do corpo?

### **Porto Alegre**

Em 2013 fui morar em Porto Alegre. Morei seis anos na cidade. Durante esse período pratiquei Capoeira Angola no Ginásio Tesourinha, sede do Grupo Mocambo, conduzido pelo Mestre João Baptista, aluno de Mestre Barba Branca que foi discípulo de Mestre João Pequeno, um dos mais prestigiados Mestres da Capoeira Angola.

Em minha estadia em Porto Alegre, comecei a desenvolver laços afetivos significativos com outros capoeiristas. Em termos de estudo de capoeira, não vivi uma imersão tão intensa com o grupo Mocambo. Mantive uma frequência regular e constante, de aproximadamente três vezes por semana, assim como uma outra atividade extracurricular qualquer. Porém foi nessa época, que comecei a interagir mais com a comunidade de capoeiristas da cidade. A frequentar o espaço do Mocambo com regularidade, participar de eventos, encontros de trabalho, mutirões, ou simplesmente para bater papo, fazer um som, “vadiar”, como se diz brincar a capoeira entre os angoleiros, fazer refeições coletivas, etc.

O cultivo do núcleo comunitário, o florescimento da amizade com outros capoeiristas, foi muito positivo. Significou a integração a uma família, mesmo estando distante da minha sanguínea. As amizades entre capoeiristas são imbuídas de um sentimento fraternal, ao mesmo tempo que de um sentido de companheirismo. Sentimento de parceria de caminhada, jornada. Um sentimento de estarmos no mesmo caminho de iniciação.

Dentro dessa família, os Mestres e Mestras são as figuras paternas e maternas. Muito similar à figura das mães e pais de santo no candomblé. Os discípulos são como filhos e filhas para os Mestres e Mestras. Aos quais educam, passam os princípios e

fundamentos dessa trilha. Acolhem também, compartilham belezas, informações, afetos. Com toda a generosidade e seriedade de quem zela pela continuidade e manutenção da semente de uma cultura.

Vejo que essa comunidade da capoeira é global, uma família internacional que acolhe capoeiristas de todos os lugares do mundo. Mesmo com todas as diferenças de linhagem, pensamento e procedimento, há acolhimento entre as escolas. O sentimento de família transcende as diferenças. Sei que se eu viajar para qualquer parte deste globo, encontrarei uma ramificação dessa família, um celeiro, onde posso me sentir acolhida, compartilhar uma roda, trocar cumplicidade, aprender. É uma rede que a capoeira tece.

Claro que existem afinidades maiores entre alguns grupos e algumas rivalidades entre outros. Assim como em qualquer outro grupo humano, existem questões que precisam ser trabalhadas e afinadas para fortalecer a união entre os capoeiristas. Ainda assim somos parte de uma só aldeia. Estamos trabalhando pela mesma cultura. Graças a ela e a seus baluartes acessando algo belo. Não importa a linhagem, o berço é o mesmo, raiz é a mesma, o cultivo nos é comum.

Na cidade de Porto Alegre esta rede entre capoeiristas é ativa. Em geral os angoleiros se aproximam entre si, e os que praticam capoeira contemporânea também. Mas como diz Mestre João Grande, não existem barreiras, todos são parte da família, mesmo com as diferenças de conduta, postura e linguagem. Cada grupo é um núcleo familiar, todos pertencem à mesma comunidade.

Quando um grupo faz um evento, participantes de outros grupos comparecem para prestigiar. Existem rodas públicas que são feitas por capoeiristas de diferentes grupos, que compõem um possível trânsito pela cidade dentro da rede. Relações de amizade com diversas pessoas desse contexto vão surgindo, as relações com os Mestres e professores vão se aprofundando. A rede funciona de modo a dar suporte e apoio mútuo aos grupos, cada vez mais caminhamos nessa direção. Ela também opera entre os diferentes estados do Brasil e entre os diferentes países do mundo.

Quando um Mestre importante viaja para transmitir conhecimento, capoeiristas de todos os grupos comparecem para prestigiar, conhecer e conviver. Muitas vezes, mestres e professores se transferem para outros países para disseminar seu conhecimento. Em vários locais, a capoeira é mais aceita e valorizada do que no Brasil. Nosso país possui uma herança de preconceito e racismo gigantesca, que sempre coloca expressões culturais como a capoeira como menores, menos significativas, menos refinadas.

Em outros lugares seu valor às vezes é reconhecido mais facilmente. A profissão é melhor remunerada. Quando a comunidade está menos imbuída desses preconceitos, está

melhor preparada para receber a capoeira, que é uma cultura preta. É necessário que se dê um processo de transformação no Brasil para valorizar tamanha riqueza, tamanho presente, que é uma fonte que jorra generosamente.

## **Resgate**

A capoeira possui uma grande potência de transformação. Um momento significativo em minha vida é prova desse poder. Quando fui morar no Rio Grande do Sul, me casei, compartilhei casa com uma pessoa durante alguns anos. Esse relacionamento foi de grande intensidade emocional. Quando nos separamos, vivi um momento muito desafiador emocionalmente. Vivi uma ruptura de forma brutal, sofrida. Passei um ano me sentindo bastante perdida, ausente, longe de mim mesma. Foi uma experiência desestruturante, desde os aspectos mais básicos da vida.

“Estar fora de si” corresponde a sensação que vivi. Sensação de perder o empoderamento pessoal, a autoridade sobre mim mesma. Autoridade sobre meu próprio corpo e território. A experiência que vivi me demonstrou o quanto a capoeira tem um poder fortíssimo de resgatar a proximidade com a própria essência, trazer o sujeito para o seu próprio centro, para o seu próprio núcleo. Ancorar a sua presença de espírito, onde estiver; voltar a ter domínio sobre suas ações e comportamentos.

As artes marciais trabalham muito o estado de presença. Estar aqui e agora, de forma desperta. Lida-se diretamente com perigos reais, como um pé se aproximando do rosto. A singularidade que a capoeira tem é acionar esse estado de presença e prontidão, dentro de uma atmosfera lúdica, de brincadeira. Trabalhar e desenvolver a consciência de si, ser dono de si, se auto-proteger, zelar pela integridade interna e a integridade das demais pessoas envolvidas na prática, dentro de uma atividade divertida.

A qualidade musical da capoeira traz muito essa diversão. O fato de ela ser uma dança, um exercício de auto expressão. Essas características trazem leveza e graça para um exercício que é muito sério também. Pode ser muito duro, pois deve ser eficaz ao gerar o empoderamento dos sujeitos, tornando-os sagazes, espertos, atentos, perceptivos, operando no sentido de retirar a ingenuidade.

Os praticantes devem estar prontos para tudo. Não serem bobos, sempre desconfiarem um pouco do outro com quem jogam. Preservando a inocência, o olhar infantil, a empatia, o desejo por comunhão e encontro, a cooperatividade, a confraternização e harmonia, a beleza. Essa combinação de fatores: estar preparado para a

pior emboscada, mas disposto para o encontro mais livre e mais lindo, vai construindo um estado de espírito de calma, tranquilidade, atenção, vai gerando a pacificação do ser humano.

Seres humanos que fazem as pazes com a natureza da violência, e também se aliam à generosidade, à abundância, à sorte, à paz. A roda é uma, todos estão igualados nela, ela funciona de forma colaborativa. O desempenho de um está intimamente ligado ao desempenho do outro. Se a bateria (conjunto de instrumentos utilizados na capoeira) está boa, é muito mais provável que os jogos sejam bons, se os jogos estão bons é muito mais provável que a bateria esteja inspirada, e assim por diante. Por tudo isso e muito mais, a capoeira gera um intenso processo de cura. Habitar o estado de espírito da presença já é uma boa parte da cura, soluciona a maior parte das questões.

A capoeira gera profundas transformações. Estar presente, atento, transforma o sujeito; o livra de especulações mentais, o leva a interagir diretamente com a realidade, harmonizar-se com as adversidades, adaptar-se. Até o leva a usufruir das situações de desafio, que são cotidianas.

Passei um ano muito sofrido e solitário após a separação. De sentimento de orfandade, sentimento de escassez, de perder o chão sobre os pés. Nesse ano fiz teatro, terapia e trabalhos espirituais. Tudo ajudou, mas nada foi tão eficaz. No verão seguinte da minha separação passei um mês em São Paulo onde decidi treinar todos os dias em uma academia tradicional de Capoeira Angola de lá; Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô, conduzido por Mestre Plínio.

Esse único mês, treinando todos os dias, muitas vezes apenas eu e o Mestre, foi sensacional. Me resgatou, me trouxe de volta à superfície de mim. Fez brotar novamente aquela sensação de reconhecimento: Ah, essa sou eu! Como diz Mircea Eliade em seu livro "O Sagrado e o Profano", esse é o valor cosmogônico da orientação ritual. A capoeira é um instrumento de orientação excepcional. Orientação psíquica, emocional, espiritual. Eu estava perdida, confusa, a capoeira foi me devolvendo meu mundo. Eu estava em fragmentos, ela foi me integrando novamente. Me deu um mapa, para encontrar-me; meu próprio umbigo, meu cosmos.

Eu estava vivendo um certo tipo de inércia em que me tornava vulnerável a forças desconhecidas por mim. Trabalhando com a capoeira, voltei gradualmente a ocupar meu próprio corpo; ocupar o próprio espaço é a maior das proteções. Uma vez que eu mesma estou em mim, outras forças estranhas não podem fazer nada a respeito, não me alcançam. É essa soberania, autoridade, integridade a que me refiro. Se eu estou no meu centro, nada que é periférico pode me atingir. A capoeira vai educando os sujeitos, para eles ocuparem

seu próprio aparelho. Serem eles mesmos, e nesse novo estado de espírito, revestidos de consciência e presença, re-aprenderem a interagir.

Como me relaciono com o outro? Que também está nesse exercício, que também busca a integridade. Como interajo, troco, me comunico, brinco, componho? Quando sou um com o outro, quando sou diferente dele? Como jogo com o outro perante mim, com elegância, beleza, autonomia, respeito, criando acordos, gerando encontros?

Ao mesmo tempo, eu o treino e o outro me treina. O jogo da capoeira, de entrada e saída, ataque e defesa, joga luz sobre nossos impulsos sombrios. Ilumina nossas violências e posturas abusivas, para que possamos percebê-las, educá-las, transformando tudo isso em jogo. No teatro que é a roda, nos conhecemos. Vemos como agimos e reagimos. Como jogo com o outro preservando a integridade, minha e de meu parceiro?

O atrito e a tensão estão presentes entre nós, pois se trata de uma brincadeira de ataque e defesa. Como podemos utilizar essas forças como propulsoras da criação de um jogo que gere conhecimento, que seja belo e que seja eficaz ao treinar a nossa própria capacidade de superar desafios da vida. E dessa forma, como uma enciclopédia, ir revelando para os que jogam e para os que contemplam, situações humanas, paradigmas sociais, forças arquetípicas. Como podemos trabalhar sobre elas, transformando-as para que se tornem cada vez mais ricas, interessantes e felizes para todos os lados envolvidos?

Encontrar a si mesmo é uma possibilidade que a capoeira oferece que se dá através da inserção na comunidade, que se dá através da interação com o outro. Apenas assim o mapa é revelado. Muitas vezes esse caminho também “localiza” o sujeito a ponto de lhe revelar um lugar de atuação social e profissional no mundo.

Capoeira significa etimologicamente mato renascido. O mesmo procedimento ocorre dentro de nós, o cultivo interno, de uma semente guardada em nosso umbigo. Semente de fertilidade, criatividade, abundância. Nascendo a partir de uma situação de escassez, como na história da própria capoeira. Situações extremas podem ser curadas, trabalhadas através da capoeira. Eu me sentia no deserto e aos poucos essa prática foi me trazendo de volta, me devolvendo o sentido de abundância da vida. O deserto vira floresta.

A capoeira é um instrumento de resiliência, resistência, sobrevivência, vida, preservação da cultura, conhecimento e filosofia de um povo. Traz em si o recado: Como fazer a manutenção da vida perante uma situação extrema de violência e abuso? Desenvolvendo a autoridade física, emocional, psíquica, espiritual; a dignidade humana.

A capoeira ensina liderança comunitária, educa para a cidadania, para o encontro com o outro. Orienta o olhar para a beleza e para a construção da paz de espírito. Ensina

que riqueza é saúde, conhecimento e presença. O outro se faz necessário para acionar tal sabedoria a esse sistema de orientação. Um com o outro, um com o todo, com a rede, com a comunidade, a egrégora, a linhagem, a aldeia, e claro, com os mestres e mestras que orientam todo o trabalho.

## **São Paulo**

Em 2019 decidi retornar a São Paulo, depois de muitos anos fora da minha cidade natal. Senti o momento da mudança chegar. Um dos chamarizes da mudança foi a oportunidade de participar de um grupo de Capoeira Angola de forma mais integral. Vivenciá-la todos os dias, como escolha de vida, proposta de trabalho, devoção.

Faz tempo que a minha fome vinha crescendo em relação a Capoeira Angola, meu desejo de me nutrir de seu conhecimento. Ainda no Rio Grande do Sul, comecei a frequentar eventos e rodas para me saciar um pouco. Porém é diferente fazer parte de um grupo que pesquisa a linguagem todos os dias com intensidade e compromisso.

Eu já conhecia Mestre Plínio em São Paulo. Ainda assim, quando voltei, fiquei um tempo sem saber onde treinar. Uma vez que você escolhe um grupo, desenvolve um tipo de fidelidade ao mestre e ao coletivo, difícil de romper. Em Porto Alegre, fiz parte do Mocambo por seis anos sem cogitar a possibilidade de mudar minha escolha. Aproveitei minha ida para São Paulo para conhecer um pouco do cenário da capoeira da cidade. Conheci a maior parte dos grupos de Capoeira Angola, visitando rodas e treinos.

No fim desse período de trânsito me vi impulsionada, por vários motivos, a frequentar o grupo Angoleiro Sim Sinhô, conduzido por Mestre Plínio. Eu tinha um registro muito forte da experiência que tive lá em 2014. Todas as vezes que visitei o grupo, o mestre se mostrou extremamente acolhedor comigo. Sempre demonstrou ter muita seriedade e dedicação à sua arte. Sua escola de Capoeira Angola foi a primeira a ser aberta em São Paulo, e sua roda é mantida viva há 27 anos consecutivos.

Me senti atraída a acompanhar o trabalho de Mestre Plínio. Quase como uma dívida de respeito, admiração, carinho e gratidão. Vários aspectos se sua escola se conciliavam com minha busca profunda com a capoeira angola. Treinos diários, em vários horários diferentes, perto da minha casa, escola estruturada, com muitos alunos, professores, contramestres e até mestre formado por Plínio.

Passar alguns meses treinando em sua academia foi uma experiência maravilhosa. Me deu uma nova perspectiva do que é a capoeira. Ficou mais nítido para mim o quão forte

ela é, o quanto está imbuída de ancestralidade, o quanto transforma a gente profundamente. Os treinos de duas horas são exigentes, alimentados pela energia de uma egrégora forte, por uma rede de alunos comprometida com o aprendizado.

Experimentei um pouco do que é a capoeira como uma escolha de caminho de vida, como um portal de acesso ao conhecimento, uma trilha de transformação. Percebi um pouco do quanto a capoeira fortalece a gente, transforma nosso corpo, trabalha nosso espírito. Desenvolve força de trabalho, gera maturidade emocional. Nos torna menos vulneráveis às fragilidades do ego, mais aptos a encarar os desafios da vida. Dá resistência e resiliência a quem pratica, prepara o ser para o trabalho do viver.

Para mim foi um passo importante passar este período em uma escola que está imersa na força da Capoeira Angola a todo momento. Em comunicação com a comunidade internacional dessa arte, com os mestres, educadores e profissionais atuantes, dedicados à sua transmissão. Em conexão com os mestres e mestras mais antigos, com a força bahiana. Com gente que vive e cultiva a essência, a raiz da capoeira angola, que trabalha pela sua preservação, permanência, disseminação, coerência, vitalidade, expansão, continuidade, fidelidade aos princípios.

## **Bahia**

A minha mais recente e intensa experiência com a capoeira se deu na Bahia neste ano de 2020. Foi a terceira vez que visitei a Bahia, porém dessa vez com maior permanência. Aconteceu da seguinte forma: Viajei para Olinda para celebrar o carnaval, e no caminho de retorno para São Paulo decidi passar por Serra Grande, uma pequena vila localizada na região Sul da Bahia, entre as cidades de Itacaré e Ilhéus.

A pandemia do Coronavírus não permitiu o meu retorno para São Paulo. Aeroportos e estações rodoviárias pararam sem previsão de reabertura. Em Janeiro, eu havia conhecido um Centro de Capoeira Angola sediado na cidade de Serra Grande, “Ouro Verde”, conduzido por Mestre Cabello e Mestra Tisza, ambos discípulos de Mestre João Grande. Me identifiquei muito com a vibração do grupo, senti uma frequência pacífica e reconheci um trabalho sério e comprometido, com uma bela sofisticação musical.

No tempo da pandemia as portas do Barracão D'Angola (espaço onde acontecem as aulas da Ouro Verde) se fecharam, como todos os outros espaços culturais. Porém para alguns, que tiveram a sorte de estarem na vila nesse período e estavam próximos aos mestres, em quarentena, foi estabelecido um acordo de confiança. Continuamos a

frequentar os treinos presenciais, dos quais a maior parte dos alunos passou a acompanhar virtualmente. Éramos apenas quatro pessoas treinando no salão com o mestre.

Passei três meses morando na vila, sem possibilidades de voltar a São Paulo, em que treinei todos os dias dessa maneira. Eram três horas por dia no Barracão estudando a movimentação e a musicalidade da Capoeira Angola. Foi de uma riqueza imensa esse encontro, a convivência com os mestres, a imersão nos estudos. Há muito tempo eu almejava uma experiência dessa natureza, fazer apenas capoeira. Fui abençoada com essa sorte e sincronicidade para poder mergulhar. Agora me sinto contagiada pela vivência que tive. Quero seguir estudando todos os dias, cada vez com maior assertividade e profundidade.

Essa passagem por Serra Grande representou um momento inaugural em minha vida. A primeira vez que me dedico a estudar a musicalidade da capoeira, a primeira vez que estudo música de forma sistêmica e consistente na vida. O que me trouxe e traz muita alegria. Foi uma oportunidade de me dedicar exclusivamente a capoeira. Aproveitei esse período de quarentena para dar continuidade ao TCC e fechar esse capítulo com a UFRGS, e é lógico que tive a vontade de escrever sobre capoeira.

De manhã escrevia sobre capoeira, à tarde fazia as aulas, à noite assimilava o conteúdo. A capoeira contém um universo gigantesco em si. Ela está profundamente vinculada ao legado do candomblé e do samba de roda. “É tudo da mesma parcela”, como dizem alguns mestres, estes pilares constituem os alicerces de uma cosmovisão afro-brasileira. Apenas pude ter um vislumbre de todas as camadas de conhecimento que essa cultura abarca, musicalidade, movimentação, espiritualidade, filosofia, comunidade e muito mais.

A cada momento dessa trajetória sinto que eu estou apenas começando, iniciando. Sinto que se abrem caminhos e portais de acesso à sabedoria ancestral contida em tais manifestações. Creio que o conhecimento que a capoeira disponibiliza dá ferramentas para viver de forma concreta uma vida pacífica. Viver, acordar e ir dormir todos os dias nessa frequência. As pessoas que levam adiante a cultura, respiram ela todos os dias, em todos os momentos. São constituídas dela, elas são a cultura. São o espelho desses ensinamentos, o exemplo vivo deles. Apenas através de sua presença já transmitem muita sabedoria.

Quem vem de fora tem um desafio maior de assimilação de toda essa bagagem. O que é de fato viver a Capoeira Angola? Sinto que a capoeira presentifica as forças da floresta, as forças da natureza. O ser humano aprendendo a partir dos exemplos naturais. A capoeira faz referências constantes ao comportamento dos bichos e das plantas, e também

traz muitos elementos do cotidiano do homem rural e de seus trabalhos, isso está muito presente em inúmeras canções e também nos movimentos do corpo.

Estou apenas começando a ter dimensão de tudo isso. Me permitir viver de verdade a cultura afro-brasileira, me entregar, sair de sua margem. Navegar em direção ao centro, me responsabilizar por sua manutenção. Ter comprometimento real em aprender, e aprender certo, até porque um dia, quem sabe, pode caber a mim a tarefa de transmitir. Me sinto navegando rumo ao centro, ao encontro, ao eixo, à paz.

Comecei minha senda por essa trilha da Capoeira Angola há dez anos, porém todo dia é uma nova iniciação. Lidar com o inesperado constantemente é presente, mesmo dentro de um ritual tão repleto de procedimentos, coreografias e princípios. Porém suas combinações são infindáveis, existem centenas de possibilidades que não foram cogitadas, elaboradas ou colocadas em prática.

## CONCLUSÃO

Nos últimos anos de minha vida fiz circo, yoga, flamenco, dança contemporânea, teatro, contato e improvisação. Todas experiências que me encantaram, trouxeram alegria, movimento, inspiração, força de vontade, descobertas. Foram experiências maravilhosas, distribuídas ao longo de dez anos; desde o momento em que resgatei meu corpo da inércia. Percebo que o que permaneceu comigo de fato durante esse tempo foi a Capoeira Angola. Porque ela persiste em mim dessa maneira?

Fazer parte do Grupo Experimental de Dança da Cidade de Porto Alegre é uma experiência muito enriquecedora. Senti muita potência e liberdade criativa nesse período. Enxerguei muitas possibilidades de expressão. Porém, ao passar do ano em que estive imersa na dança, a sensação de inquietação e desassossego foi quase constante, assim como a instabilidade emocional e a extrema suscetibilidade aos acontecimentos ao meu redor. Eu precisava fazer muito esforço para chegar no fim de cada dia, me sentia frágil.

A capoeira, pelo contrário, carrega a potência de dar força e foco a quem pratica. Ela desenvolve maturidade emocional, clareza mental e centramento. Tornando menos vulneráveis e mais equilibrados os participantes. Com maior presença e estabilidade. Desenvolvendo domínio sobre as emoções e a mente, alcançando a calma.

A capoeira realiza uma construção sólida e gradual, com firmeza e consistência, no sentido de uma maior integração entre os aspectos emocionais, mentais e espirituais do ser. Unificando fragmentos, eliminando comportamentos de dúvida e incerteza, consolidando uma postura tranquila e decidida. Criando uma fortaleza interior, aprimorando a capacidade de adaptação aos acontecimentos ao redor. Há queda e a recuperação na capoeira também, porém o praticante se exercita para recuperar-se antes de sequer cair no chão.

O mais forte de todo esse processo é a pacificação que ocorre, através da capacidade de encarar os desafios de cada dia e lidar com questões emocionais e psíquicas que possam aparecer. Gerando equilíbrio entre as posturas ativas e passivas de cada um e criando abertura para a vida, mas fechamento em relação aos perigos que possam se apresentar. Uma combinação de entrega e proteção. Na capoeira não existe separação entre o que é a prática e o que não é, ela vai se infiltrando em todos os setores da vida, tornando-se uma filosofia que permeia cada momento.

Algo fundamental para mim na prática da capoeira é o sentimento de segurança que ela vai construindo. Sentir-me segura e sem medo é maravilhoso, algo que ocorre através do enfrentamento daquilo que amedronta. Alcançando um espaço de familiaridade e conforto. Florescendo a capacidade de tomar conta de si e dos outros. Ao mesmo tempo,

com a tranquilidade de poder receber o cuidado do coletivo. A prática vai conduzindo a um processo árduo e lento de conscientização. Dez anos de prática no contexto da capoeira representam apenas a primeira infância.

Todas as transformações que a capoeira opera ocorrem dentro de uma grande simplicidade. Visando os aspectos mais básicos da vida, um B-A-BA do viver. Viver sem medo, lidando diretamente com as questões da sobrevivência. A capoeira trabalha nosso lado bicho, recuperando a familiaridade com os impulsos animais instintivos. O que vai naturalmente conduzindo a pacificação, profunda e integral, consigo mesmo, com o meio, com os outros, com o mundo espiritual. Um processo holístico e infinito, abrangendo as necessidades humanas de comunidade, espiritualidade, sociabilidade, musicalidade, corporeidade, movimento, família, cultura, ritual, brincadeira. Assim vejo a capoeira; como um caminho de construção da paz, sólida, firme, consistente e duradoura. Agradeço imensamente.

## BIBLIOGRAFIA

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Martins Fontes, 2001.

KOPENAWA YANOMAMI, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*. Editora Companhia das Letras, 2019.

WALDELOIR, Rego. *Capoeira Angola Ensaio Sócio-Etnográfico*. Gráfica Lux, 1968.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. Editora Elefante, 2019.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Editora Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996.

GUIMARÃES, Carlos Henrique. *Práticas Xamânicas de Si: Poética Cosmopolita em Perspectiva Ameríndia*. Rio de Janeiro, 2020. 360f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.

CORRÊA NETO, Nelson Eduardo; MARANHÃO MESSERSCHMIDT, Namastê; STEENBOCK, Walter; FACINA MONNERAT, Priscila. *Agroflorestando o mundo do facão ao trator: Gerando Práxis Agroflorestal em Rede*. Barra do Turvo: Cooperafloresta, 2016.



Figura 1, 2, 3 e 4 - Desenhos e manuscritos sobre capoeira de autoria de Mestre Pastinha.



Eu estava na minha casa  
Sem pensar e sem imaginar  
Quando eu ouvi batei na porta  
Salomão mandou me chamar  
Para ajudar a vencer  
A guerra de Paraguai  
Quando se fez a fortaleza  
Capoeira não vale de nada.

Figura 2



Figura 3

1  
Todas F.ºs 1 é ataque, e as F.ºs 2

é defesas. as defesas tem tres ataque, os ataque  
tem tres defeza.



Zurr, zurr, zurr.  
Capoeira mata um  
Zurr, zurr, zurr.  
No terreiro fica um.

Figura 4

ANEXO 2





Maria Buzanovsky



Maria Buzanovsky



Maria Buzanovsky



Maria Buzanovsky

Maria Buzanovsky



Maria Buzanovsky





Maria Buzanovsky



Maria Buzanovsky



Maria Buzanovsky



Maria Buzanovsky



Todas as fotografias anexadas são de autoria de Maria Buzanovsky, profissional que se dedica a registrar a arte da capoeira e seu contexto cultural.

## **Legendas**

Página 43

Figura 1 - Festa de Yemanjá no Rio Vermelho, Salvador/BA, dia 2 de Fevereiro de 2017.

Figura 2 - Mestre João Grande e Mestre Janja (primeira mulher a tornar-se mestra de Capoeira Angola), na academia de Mestre João Grande em Nova York.

Página 44

Imagem 1 - Mestre Ananias.

Imagem 2 - Mestre Ananias.

Página 45

Imagem 1 - Mestre Ananias.

Imagem 2 - Tocador de berimbau.

Página 46

Imagem 1 - Kate Paiva e seu filho Jorge em roda no Rio de Janeiro em 2012.

Imagem 2 - Mestre Leandro Bicicleta na roda do Cais do Valongo.

Página 47

Imagem 1 - Arona Papá Pontes e Clemence Raposa no evento de Mestre Barteló, Chapada Diamantina/BA, 2019

Imagem 2 - Tiquinho Lopes e Meia Lua da Maré em evento dos Angoleiros da Serra de Mestre Barteló, Chapada Diamantina/BA, 2019.

Página 48

Imagem 1 - Evento de Mestre Barteló, Chapada Diamantina/BA, 2019.

Imagem 2 - Mestre Guaxini do Mar e Professor Lior Neve em evento de Mestre Barteló, Chapada Diamantina/BA, 2019.

Página 49

Figura 1 - Roda do grupo Nzinga, Salvador, 2 de Fevereiro de 2020

Figura 2 - Roda do grupo Nzinga, Salvador, 2 de Fevereiro de 2020

## ANEXO 3

Os links a seguir levam a dois vídeos; o primeiro é um filme histórico chamado “Dança de Guerra” em que dois mestres renomados da Capoeira Angola, Mestre João Pequeno e Mestre João Grande, ambos discípulos de Mestre Pastinha, jogam capoeira juntos.

O segundo vídeo mostra Mestre Cabello Caobijuba e um de seus discípulos, Coruja, jogando capoeira também. O ângulo da filmagem, desde cima, remonta a cena histórica do primeiro filme.

Escolhi esses dois trechos de jogo como demonstração pois creio que essas imagens, valorizadas pela escolha de posicionamento da câmera, expressam a beleza das qualidades de complementaridade e diálogo presentes em um jogo de capoeira.

Link 1 - <https://www.youtube.com/watch?v=qhCgFITPRBU>

Link 2 - <https://www.youtube.com/watch?v=Q3Rk-SVYChU&t=230s>

